



Murillo Cruz

Entrevistado por Márcio Gimene de Oliveira – Analista de Planejamento e Orçamento

Murillo Cruz é professor concursado do Instituto de Economia e do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Formou-se em Economia na UFRJ (1974) e concluiu o Mestrado (1976) e o Doutorado (1995) na COPPE/UFRJ. Realizou atividades de Pós-Doutorado (Pesquisa e Professor Visitante) na Universidade de Toronto UofT - Canadá (2000, e 2003) e obteve Aceitação de Doutorado, e Stipendium DAAD, na Alemanha (1979). Trabalhou na área de propriedade industrial pelo Governo brasileiro e como consultor de organismos internacionais como PNUD, WIPO e UNCTAD, possuindo vários trabalhos sobre sistemas de patentes e tratados internacionais relativos à propriedade industrial e informações tecnológicas contidas em documentos de patentes. É membro do IBPI - Instituto Brasileiro de Propriedade Intelectual e desde 1995 vem se dedicando à Pesquisa e ao Estudo das Obras dos Economistas Institucionalistas Originais, (T.Veblen; J. Commons; W.Mitchell; C.Ayres, et.al.), principalmente da Vida e Obra de Thorstein Veblen. Em outubro de 2008 o professor Murillo Cruz nos concedeu esta entrevista, realizada por meio eletrônico. Para informações adicionais, visite: <http://murilocruzfilho.blogspot.com>.

**OIKOS:** No momento em que fazemos esta entrevista o tema predominante na grande mídia é a chamada “crise financeira internacional”. Vários estudiosos apontam que são nessas crises que os especuladores garantem seus lucros. O senhor poderia explicar este processo?

**MURILLO CRUZ:** Eu gostaria primeiramente de fazer alguns comentários, uma vez que tais observações iniciais, importantíssimas, terão validade em praticamente todas as demais respostas nesta entrevista. Sem esta compreensão inicial muitas assertivas que irei fazer poderão ficar desfocadas e mal estabelecidas.

Existem praticamente dois tipos de pessoas que analisam as crises econômico-financeiras (e a Economia como um todo):

(I) Por um lado, existem aquelas pessoas (economistas ou analistas econômicos) que foram treinadas em ‘teologia econômica’, isto é, as que receberam treinamento (ou leitura) nas diversas faculdades de Economia (ou em cerca de 90% delas), cujos conceitos, todos, encontram-se sistematizados em torno do que se conhece por ‘*naturalismo filosófico*’ (do século XVIII). Em outras palavras: pessoas que crêem que existe um ‘sistema’ relativamente identificável, sistema este composto por **elementos** (simples) que **ajustam-se automaticamente**, desde que certas condições sejam atendidas. Duas condições são particularmente importantes para este mito das “ajustagens automáticas” (que é a base do mito das ‘forças impessoais dos mercados’ dos economistas):

(i) a primeira condição da base mitológica econômica é que os elementos do ‘sistema’ não devem possuir potência significativa para – isoladamente – interferirem no ‘resultado final e **natural** do desdobrar-se do sistema’ (o que eu costumo designar por “*impotência inercial essencial dos elementos*”); e se algum elemento, por acaso, manifestar-se com força desigual - o que é rapidamente interpretado como uma ‘anomalia’ - ele deve ser reconduzido à sua ‘natural’ condição de elemento idêntico (impotente) aos demais; ou outras forças agirão, também naturalmente, para recolocar aquele elemento destoante em seu ‘lugar normal’. (Aqui, nesse caso, contraditoriamente, até mesmo a intervenção política (humana) é admitida, pois o que não pode ser admitido – de forma alguma! – é o desconcerto do “equilíbrio da totalidade”).

(ii) e a segunda condição, é a que afirma a absoluta necessidade de uma não interferência ‘humana’ (externa) no ‘sistema’, ou nos elementos do sistema, pois qualquer interferência elimina ou prejudica a condição de “**ajuste automático**”. O ‘sistema’, assim, deve ser deixado **livre**, para que uma régua de normalidade (dedutivamente preconcebida) se apresente, e permita que os elementos se ajustem em tal ‘régua ou eixo de normalidade’ (movidos por uma ‘força invisível’). Qualquer desvio deste preconcebido e dedutivo eixo de normalidade caracteriza-se como uma anomalia ou um ‘erro’. (E que deve, aí sim, e somente aí, como vimos acima, sofrer intervenção ‘humana’ para recolocar o ‘sistema’ em sua trajetória ‘normal’).

As condições acima delineadas são, em resumo, as bases das teorias econômicas oficiais (o *mainstream economics*), há mais de dois séculos, e, conseqüentemente, das

opiniões políticas e das compreensões de como um sistema econômico funciona, ou deveria funcionar.

Se designarmos por ‘Deus’ uma entidade transcendente intangível, que atua sempre de forma ‘justa e correta’, conduzindo-nos (indivíduos impotentes diante de Sua potência e sabedoria infinitas) para um destino (por ele) traçado, e cuja participação de cada um neste desígnio, isoladamente, não possui qualquer relevância, poderíamos facilmente substituir a expressão ‘Deus’ por ‘Mercado’ (conforme a teoria oficial entende), que estaríamos ‘falando’ da mesma coisa. E é por esta razão que o ensino e a propaganda (oficial) de Economia (em 90% dos casos) se inscreve como uma ‘teologia’. E os alunos e os leitores em geral nem sabem que estão em uma faculdade de *Teologia* !!, ou lendo capítulos e sermões ‘religiosos’. Muitas vezes os próprios professores ou analistas também não sabem. Mas eu sempre preferi afirmar que os professores e os analistas de economia, em geral, ‘sabem’ disto, e divulgam tais ‘desinformações’ de propósito, do que ter eu a opinião de que eles também não sabem o que estão escrevendo ou ensinando. Eu prefiro ter a primeira opinião, pois assim eu considero muitos economistas, ou os que se designam como tais, ‘inteligentes’ ou astuciosos, e não propriamente ingênuos ou ignorantes. Até porque a mim me parece muito difícil um ‘grande’ professor de economia ou de finanças de uma instituição reputada, ser ingênuo ou ignorante em questões tão importantes.

Esta ‘teologia’ foi construída e disseminada meticulosamente pela Inteligência britânica (e escocesa) a partir de seus principais teóricos (conhecidos), que são aqueles que, erroneamente, são considerados os ‘fundadores da moderna ciência econômica’: J. Bentham, Adam Smith, D. Ricardo, T. Malthus, *et.al.* Para os economistas *profissionais*, mas desinformados, gostaria somente de esclarecer que a ‘fisiocracia’ inscreve-se nos mesmos marcos das articulações maçônico-britânico-escocesas; neste caso, para desestabilizar as finanças e a economia francesas. Tanto é assim que os articuladores da “doutrina fisiocrática do *laissez-faire*” (Quesnay, Turgot, Du Pont, *et.al.*) estavam íntima e financeiramente articulados com a maçonaria britânica; todos sabem que Adam Smith freqüentou as rodas, na França, dos principais fisiocratas e *maçons*. Alguns autores afirmam até mesmo que a sua teoria, exposta, finalmente, na *Riqueza das Nações*, de 1776, somente foi *concluída* após seus encontros com os fisiocratas.

Durante muitas décadas os britânicos lutaram contra os franceses (não só militarmente); mas lutaram no campo das idéias, para enfraquecer as doutrinas econômicas cameralísticas da França, que teve, em Colbert, um de seus nomes mais emblemáticos. Nós, brasileiros, não deveríamos esquecer que a vinda da família real portuguesa para

o Brasil (com apoio militar dos britânicos, inclusive), no início do século XIX, é um capítulo das guerras que a Inglaterra travava com os franceses, no mundo todo.

Este conjunto (I) de pessoas, que expus acima, interpreta a expressão “Mão Invisível” de Adam Smith, como sendo a ‘força’ impessoal, natural, intangível, que coloca e recoloca os elementos (‘impotentes’) do sistema em seus lugares corretos (*sic*), desde que não haja intervenção humana neste desdobrar-se. E, como dito acima também, qualquer interferência (humana) neste mitológico processo, somente acarreta desvios de uma ‘ordem natural’. Não é difícil concluirmos que a ‘doutrina Liberal’, e a própria democracia burguesa liberal, sustentam-se sobre as mesmas bases mitológicas que eu estou esboçando aqui rapidamente.

A ‘doutrina do naturalismo filosófico’ que expus rapidamente acima é uma doutrina especialmente útil e muito conveniente para as classes sociais dominantes, pois os que crêem na estrutura acima, acreditam, ou acabam acreditando, após tanta propaganda, que as ‘coisas’ acontecem naturalmente, normalmente, ou por desígnios (intangíveis e invisíveis), e que muitas vezes não podemos sequer compreender. E mais ainda, complementando, nós – indivíduos ‘impotentes’ – não possuímos força ou potência para interferir (significativamente) na vida social. E uma última e fatal consequência desta conveniente estrutura: não existe ninguém, nenhuma pessoa, **nenhum grupo** (aberto ou secreto) que esteja ‘articulando’ nossos destinos ou os destinos das sociedades. E mesmo que *existam*, tais grupos ou pessoas não conseguirão alcançar os seus objetivos, pois o ‘sistema’ somente ajusta-se automaticamente, e todos são, em última instância, impotentes para tais propósitos. As “conspirações”, “articulações” de grupos para atingir poderes, riquezas, ou qualquer outro objetivo, são ‘delírios’ ou ‘invenções’ de personalidades semi-esquizofrênicas (ou completamente esquizofrênicas). E tudo isto, como eu disse, é extremamente conveniente para as classes dominantes, principalmente se nós pudermos perceber, e provar, que existem, sim, pessoas e grupos articulando, planejando, e executando certos atos, para atingir determinados fins: financeiros, políticos, religiosos, ou de qualquer outra natureza.

Existem algumas brincadeiras ou piadas acerca dos economistas e analistas que seguem tais dogmas. Uma delas é a seguinte: Perguntou-se a um ‘economista liberal’ (eu diria ‘profissional’) o que fazer para trocar uma lâmpada que queimou. E ele responde: “Não se deve fazer nada !... ela se substituiu naturalmente.” !!

Eu costumava dizer no passado que não entendia bem as razões de um jovem perder tanto tempo de sua vida em uma faculdade de economia, para “aprender” que a solução dos problemas econômicos era não intervir neles; e pior – se é que é possível ser pior – não devemos intervir de forma alguma, pois deste jeito iremos

piorar as coisas (*sic*). Ora, se é para não fazer nada, para que perder tanto tempo “academicamente”?!!

Se você deseja um exemplo bem atual desta mitologia econômica acerca das “forças impessoais do mercado”, inclusive relativo à esta *crise*, cito, abaixo, um trecho de uma renomada coluna de economia, de um renomado jornal brasileiro, do dia 14 de outubro último:

“Toda a dinheirama é uma chance de interromper o ciclo do pânico. Mas depois, será preciso vencer a recessão. O passo seguinte será curar as seqüelas desse surto de estatização que provoca as distorções que conhecemos e levar o Estado de volta ao seu leito natural: o de regular a economia de forma a garantir seu bom funcionamento.”

Até mesmo um dos maiores predadores da atualidade – George Soros – a única pessoa que conheço que possui o título de ‘mega-especulador’! (aliás, de *especulador* ele não tem nada ! ele é sim um dos maiores *manipuladores* dos mercados financeiros internacionais, especialmente o de câmbio) - concorda que grande parte da *crise* atual decorre destas concepções econômicas *teológicas* aqui explicitadas; (o que, vindo deste bucaneiro internacionalmente conhecido, caracteriza-se como uma hipocrisia inominável!). Vejam o que ele afirmou em 12 de outubro último:

“The notion that markets are self-correcting led to a massive expansion of debt financing that culminated in the sub-prime mortgages that epitomized the easy-money mentality at the root of the disaster, he said.

“This belief became the dominant creed. And this, then, led to the globalization of markets, the deregulation of markets and the increased use of leverage and all the financial engineering” Soros said.

“This whole enormous construct is built on false conceptions,” he added. “You can go a very long way. But in the end, reality rears its ugly head and that’s what happened now.” (REUTERS, 12 de outubro de 2008)

(II) *Um Segundo Conjunto de Economistas e Analistas* – Diferentemente do conjunto (I) acima, existe um outro conjunto de economistas e analistas de economia que possuem a compreensão de que certos comportamentos e certas “variáveis *sociais*” podem ser analisadas, sim, com **relativa** segurança; comportamentos estes que desdobram-se de forma ‘semi-automática’, em uma sucessão de “causas e efeitos”. Ou seja, este conjunto (II) de pessoas admite que podemos ter, é óbvio, um nível de ‘análise’ em nossas avaliações ‘econômico-sociais’.

Entretanto, de forma radicalmente diferente do grupo de pessoas (I) visto acima, aqui, os economistas e analistas possuem uma clara e real compreensão de que os “agentes” econômicos: (i) não são idênticos entre si (*i.e.*, são fortemente assimétricos em seus poderes e objetivos); (ii) não são impotentes, *i.e.* os resultados de suas ações não são indiferentes ou diminutas relativamente ao ato de fazê-las ou deixar de fazê-las, principalmente se são agentes poderosos na estrutura sócio-econômica; (iii) são agentes (ativos) de movimentos e de decisões que, ao serem tomadas, deslançam certos efeitos ou resultados ‘previamente’ antecipados e/ou conhecidos por eles. Em outras palavras, certos grupos de interesse, com poderes marcadamente desiguais aos demais da sociedade, **deslançam**, continuamente, ações e decisões que – antecipadamente – prospectam seus resultados.

Tal forma de entender a ‘Economia’ distancia-se tão fortemente das demais, que alguns economistas (famosos) propuseram até mesmo uma nova ‘definição’ do objeto a ser estudado e analisado nesta disciplina. Por exemplo, John K. Galbraith, define a economia como ... o “*estudo da maneira como as pessoas são influenciadas sobre as questões econômicas através das empresas, dos sindicatos e do governo. Em outras palavras, de como e quando e até que ponto as organizações servem aos seus próprios objetivos em oposição aos do povo em geral. E de como fazer para que os objetivos públicos prevaleçam*” (JK Galbraith, 1978).

Ou seja, a compreensão de Galbraith acima, bastante realista, busca mostrar que certos agentes econômicos (poderosos) interferem significativamente nos destinos das comunidades. E que as decisões tomadas por estes agentes – dado suas claras perturbações ou consequências sociais – devem ser analisadas, monitoradas, e eliminadas, caso tais ações colidam com o interesse público.

O ensino de economia (oficial), em geral, para Galbraith é uma fraude. Em suas palavras: (i) “ ... o que passamos aos jovens é o sistema de mercado. É disso que falam ... líderes políticos cultos, jornalistas afins e muitos acadêmicos. ... não há pessoas ou firmas dominantes. Nenhum poder econômico é evocado. (23) ... nenhuma empresa, nenhum capitalista, pode ser acusado de ter poder individualmente; em geral não se menciona, no ensino de economia, o fato de que o mercado está sujeito a manipulações especializadas e abrangentes. Essa é a fraude.”(25); (ii) ... *acreditar em uma economia de mercado em que o consumidor é soberano é uma das formas de fraude mais difundidas.*” (30); (iii) ... *“a celebração política e social do pequeno estabelecimento e da agricultura familiar é uma tolerante e inocente forma de fraude.”* (42); (iv) ... *Em Wall Street, economistas não se satisfizeram com um ganho passivo, imparcial. Em vez disso, preferiram prever aquilo que mais beneficiava os que encomendaram a pesquisa. Também se permitiram predições bem divulgadas e favoráveis a suas carteiras*

*persoais – predições preparadas para favorecer seus próprios ganhos ou construir proteção contra perdas persoais. ... uma fraude na esquina de casa.*” (61). (v) *“Chegamos agora à mais prestigiosa forma de fraude, nossa mais elegante fuga da realidade. ... o FED (o sistema da Reserva Federal, ou Banco Central norte-americano) ... As medidas tranqüilas impostas pelo FED são as ações econômicas mais aprovadas, mais bem aceitas. E também são manifestamente ineficazes. ... Eis a nossa mais estimada e, quando bem examinada, evidente forma de fraude.”* (63) ... *Desde 1913, quando começou a existir de fato, o FED tem tido, contra a inflação e sobretudo contra a recessão, um histórico de profunda e permanente irrelevância.*” (65) (J.K.Galbraith, 2004 - A Economia das Fraudes Inocentes; os números entre parênteses correspondem às páginas originais)

Creio ter apresentado acima, mesmo que de forma resumida, uma clara compreensão de que existem, pelo menos, dois tipos divergentes de economistas ou de analistas de economia. Eu *pertenço*, do ponto de vista profissional e intelectual, a uma variante deste segundo grupo aqui exposto. Trata-se de uma *variante*, pois eu estou convicto, juntamente com milhares de outros analistas, de que os desdobramentos das ações dos poderes acima citados por Galbraith, por exemplo, são nitidamente mais “articulados”, “planejados”, e, principalmente, **extensos**, do que poderíamos rapidamente imaginar. Que sejam fraudes, eu não tenho nenhuma dúvida, assim como Galbraith e milhares de outros analistas ensinam e divulgam. Mas, além disso, tais “fraudes” são bem mais articuladas, amplas e, como dito, extensas; no *espaço*; no *tempo*; e nas várias outras dimensões sociais.

Por exemplo, não podemos analisar simplesmente o poder, passado e presente, do “J.P. Morgan” nos EUA (hoje J.P. Morgan-Chase; Morgan-Stanley, etc), sem termos clareza de que os poderes financeiros desta casa bancária encontravam-se e encontram-se atrelados ao *capo di tutti i capi* atual das finanças globais: o poderoso N.M. Rothschilds and Sons (principalmente o braço londrino - *proprietários* do Bank of England, o Banco Central inglês, e o principal *acionista proprietário* do Banco Central norte americano, o FED). Os Morgans “sempre” foram um dos braços da extensão dos Rothschilds na América (os outros braços foram e são: a Kuhn, Loeb e Cia (NY); o Grupo Rockefeller e J. Schiff (Chase – NY); o Grupo Warburg; o Goldman Sachs (NY), o Lehman Bros (NY); e outros ‘*menores*’. (E de fato, foram estes aqui citados que participaram da famosa reunião secreta na ilha Jekyll de Morgan, em 1910, para articular, planejar, e executar a implantação do Banco Central norte-americano, fundado finalmente em 1913, e chamado de Sistema da Reserva Federal (pois de fato são 12 Bancos que compõem o ‘sistema’); mais conhecido como FED.

“Em 1929, o grupo Morgan (Morgan-Stillman-Baker) figurava na administração de 2.450 corporações, cujo valor montava a 74 bilhões de dólares (hoje equivalentes a c. 1 trilhão de dólares). Cerca de 1/3 de todo o capital existente nos EUA sob a forma de sociedades anônimas estava nas mãos de Morgan ou de seus agentes” (Lewinson, 1945).

Se considerarmos que os Morgans eram um dos braços dos Rothschilds na América, e igualmente *sócio* do FED, podemos imaginar o poder deste grupo nos destinos da sociedade norte americana e de outros países, desde o século XIX (até hoje)

Os mercados financeiros, majoritariamente, são casas de tavolagem; cassinos; domados e administrados por grandes mafiosos, que têm como objetivo abocanhar as riquezas reais do público em geral. E como todo cassino, a banca *sempre* ganha.

Existem várias técnicas que os banqueiros utilizam para “ganhar sempre”, e eu não poderia aqui listar e explicar todas elas (até porque são muitas, e freqüentemente eles inventam novas variações e sofisticções, em uma verdadeira “engenharia de rapinagem”).

Eu vou apresentar aqui apenas o “esquema geral” de funcionamento dos mafiosos dos mercados de capitais e de valores mobiliários como um todo.

Eu costumo explicar como ‘eles’ ganham (*sempre*), usando um exemplo muito simples: Você conhece aquela brincadeira infantil de “dança das cadeiras”? Pois é. Existem ‘menos’ cadeiras na brincadeira, do que o números de participantes. As cadeiras podem ser interpretadas como “ativos reais”, de serventia para as nossas vidas, provenientes da economia (real); e as crianças podem ser interpretadas como a “ciranda financeira”. A brincadeira resume-se assim: enquanto a música toca, as crianças estão circulando entre as cadeiras (super tensas para sentar na primeira cadeira quando a música parar!). Aí então, ‘alguém’ desliga a música e as crianças têm que sentar na cadeira que encontrar. Quem não sentar ... perdeu. Tiram-se algumas cadeiras e inicia-se novamente a música com as crianças que sentaram anteriormente. E a ‘brincadeira’ continua ... até a última cadeira, e o último vencedor.

Pois é: o cassino financeiro funciona, simbolicamente, desta forma. Os especuladores, agiotas, manipuladores astutos, etc., ficam “faturando”, inflando e circulando, sempre de olho e em torno dos bens reais. Enquanto circulam na ciranda faturam pecuniariamente alto pelas diferenças dos ‘*spreads*’, i.e., das diferenças de compras e vendas das inúmeras *securities* ou títulos existentes nos mercados financeiros; aí então, um *membro* do grupo desliga a música; e “todos” correm para sentar em uma cadeira, isto é, abocanhar ativos reais. Os que não conseguem, pelas regras do jogo,

perdem (ou perdiam!, ver adiante) ... Os que chegaram primeiro, *ganham*. Os economistas e os analistas do grupo (I) que fiz referência acima, **acreditam** que a ‘música’ pára porque ‘parou’ normalmente, e acreditam, adicionalmente, que os ‘mercados de capitais’ foram organizados, prioritariamente, para capitalizar empreendimentos econômicos. Eu, e milhares de outros economistas e analistas, **sabemos** que certas pessoas, ou grupos, ‘desligam a música **na hora certa**’, ou sentam nas cadeiras **antes** e **depois** desligam a música (o que dá no mesmo). E mais, como são ‘eles’ que criam os pânticos financeiros (que nada mais é do que o momento em que a música é desligada), ainda se aproveitam dos incautos que saem vendendo, desesperadamente, ações de empresas, títulos, etc. super importantes e de serventia; e os manipuladores ainda acabam comprando, por preço de banana, os ativos reais (valiosos em termos de riqueza real) que ainda não tinham abocanhado antes.

Por exemplo, o bucaneiro internacionalmente conhecido que citei acima, George Soros, preposto de grandes casas bancárias globais, esteve, nos últimos 25 anos, mais ou menos, abocanhando riquezas reais em várias partes do mundo – além de praticar grandes golpes financeiros de sua ‘especialidade’, que é a manipulação dos mercados de câmbio.

É óbvio que o sistema financeiro especulativo funciona com muito mais detalhes e variações, e com termos e vocabulário bem mais pomposos, do que os expostos acima. Por exemplo: as pessoas ingênuas normalmente compram ações “na alta” (... porque todos estão comprando !...); e vendem “na baixa” (... porque todos estão vendendo!...); enquanto que os grandes ‘*players*’, ‘*dealers*’, ou, em linguagem científica, os delinqüentes mafiosos financeiros, manipuladores dos mercados, compram normalmente “na baixa”, e vendem “na alta”. O que seja “baixa” ou “alta” eles determinam, ou manipulam, através de inúmeros instrumentos que possuem em suas mãos, principalmente: as políticas monetárias; os meios de comunicação; e os Bancos Centrais. Mas o que quero ressaltar aqui, no exemplo acima das cadeiras, é a ‘lógica’ que permeia o cassino financeiro. (os que ‘*morrem*’ com papéis ou títulos que ninguém aceita mais “depois que a música pára”, ... ficam com “moedas podres”. Ou, a nova invenção para estes papéis ‘podres’: ficam com “*ativos tóxicos*” na mão). Eu acho que os contadores ainda não foram informados de que existem 3 tipos de ativos: ativos tangíveis; ativos intangíveis; e ... *ativos tóxicos* !!

E a grande ilusão – muito bem percebida pelo maior teórico social e economista do século XX – Thorstein Veblen – é que a economia (as “cadeiras” de nosso exemplo) não obrigatoriamente cresce. (ou, se cresce, cresce muito aquém de seu potencial). Os *Homens de Negócios*, isto é, os mafiosos, especuladores, manipuladores, financistas,

etc, se podem ganhar sabotando a economia, atuam assim sem qualquer pudor; pois o objetivo destes especuladores não é o crescimento da economia ou a sua eficiência, mas sim o crescimento de suas “propriedades” e de seus ganhos pecuniários. Os casos recentíssimos da Enron, da Worldcom, e centenas de outras corporações, demonstram cabalmente a assertiva vebleniana de que, em última instância, os *business man* sabotam recorrentemente a eficiência e o funcionamento ‘normal’ do sistema econômico para obterem lucros pessoais.

Após a *invenção* e disseminação dos Bancos Centrais, todos controlados por estas máfias, uma novidade nesta brincadeira das cadeiras surgiu: pelas ‘regras’ anteriores do jogo, as crianças que ficavam sem sentar, ‘perdiam’. Em minha analogia, estas crianças perdedoras ficavam com ‘*papéis podres*’ ou “*ativos tóxicos*” nas mãos, ativos estes que ninguém compraria mais (a não ser com um desconto colossal). Após a *invenção* dos Bancos Centrais, os mafiosos perdedores ainda inventaram uma maneira de se apropriar mais ainda das riquezas da população: a ‘*socialização* dos prejuízos’ obtidos com as suas próprias especulações equivocadas.

No Brasil, recentemente, no *governo* (sic) FHC, esta *socialização* foi chamada de PROER (c. de 50 bilhões de dólares do dinheiro público para os especuladores, casas bancárias, alavancados na estratosfera, muitos simples delinquentes financeiros, alguns familiares, etc., que “quebraram”, mas encontraram um porto seguro em FHC e seus acólitos. Outra bandidagem explícita dos senhores FHC, Francisco Lopes e demais membros da ‘*quadrilha econômica*’, foi o famoso estelionato de alguns bilhões de dólares de nosso dinheiro, entregue ao *capo* do banco Marka, Salvatore Cacciola, no público escândalo Marka-FonteCindam, pois o *capo* Cacciola ameaçou ‘*colocar fogo na República*’, se não fosse *socorrido*, com o meu e o seu dinheiro, nas jogadas perdedoras que fez nos mercados de derivativos financeiros. (E olha que eu não estou me referindo à maior bandidagem ‘econômica’ da história do Brasil, que foi a entrega da maior mineradora do planeta Terra (a CVRD), por 3,2 bilhões de US\$, a maior parte pagos em “*ativos tóxicos*”, quando esta mineradora estava avaliada em mais de 1 trilhão de dólares a preços das riquezas avaliadas pela CPRM até aquele momento. No mês seguinte da entrega da CVRD (para membros da quadrilha do Sr. Soros e cia.), a empresa de biscoitos norte americana Nabisco, foi vendida por 4,2 bilhões de dólares.

Agora, nesta *crise* de setembro/outubro de 2008, nos EUA, esta *socialização*, este *bailout* (*ajuda!!*), deverá alcançar mais de 1 trilhão de dólares!!, que, somados aos demais trilhões que outros *países* deverão alocar para estes delinquentes, percebe-se que a ‘*indústria da especulação financeira*’ também é tão lucrativa quanto a ‘*indústria da manipulação financeira*’.

Os pacotes de salvação de bancos, bancos de investimentos, etc., aprovados por vários Bancos Centrais e pelos governos ao longo da história foram e são meios de transferir riqueza pública para as mãos destes delinquentes ociosos, anti-sociais, especuladores, manipuladores e mafiosos.

Os pãnicos divulgados pela imprensa e demais meios de comunicação, muitas vezes, meios controlados por estes próprios manipuladores, acabam *contaminando*, é verdade, as mentes dos indivíduos que não conhecem os meandros da “Alta Política” e da “Alta Finança”, e estas pessoas acabam aceitando condições impressionantes de perdas de riqueza para estes criminosos.

Assim, os banqueiros privados, corretoras de valores, “bancos de investimentos” (leia-se “bancos de especulações” financeiras), etc., comandam os governantes e os parlamentos da maior parte dos países; e igualmente as *mentes* das populações. Fica então relativamente “fácil” eles balançarem as árvores para colherem os frutos que caem. Os economistas e/ou analistas do grupo (I) que apresentei acima, acreditam que os frutos caem por estarem ‘maduros’, ou que certas ventanias balançam, naturalmente, as árvores. (o que também tem algum fundo de verdade! Entretanto, tais ‘*quedas*’ naturais representam parte diminuta e insignificante nestes processos bursáteis).

Talvez muitos não saibam, mas o pacote de c. 850 bilhões de dólares aprovado no congresso norte-americano neste outubro de 2008, será administrado não pelo agora todo poderoso secretário do tesouro americano, Henry Paulson, mas sim por membros da Goldman Sachs (*amigos* e empregadores de Paulson desde 1974, e especificamente desde que Paulson escapou do escândalo Watergate; pois, por incrível que pareça, Paulson foi um dos poucos que foi pego em flagrante no caso Watergate que ficou imune, até hoje, de qualquer penalização!). É a Goldman Sachs, igualmente *sócios proprietários* do Banco Central americano – FED, que irá dizer para onde tais 850 bilhões de dólares (e outros mais) deverão ir !! Ou seja: para eles mesmo !! Aliás, o planejamento de resgate dos bancos “com problemas” (*bailout*), e a cifra inicial de 850 bilhões de dólares, foi feito pela própria Goldman Sachs (informações da Rede Globo de Jornalismo - Washington).

Que novidades então existem nesta atual ‘*crise financeira*’? Existem, é óbvio, algumas particularidades no momento. Em primeiro lugar, a completa falta de novidade da mesma. Não há nenhuma novidade *nesta ‘crise’*, já anunciada há muitos anos. E para ser mais claro, há mais de 35 anos que *esta crise* está “anunciada”, ou *amadurecendo*. A falência (e seguramente o desaparecimento) do dólar como moeda estável e de referência, há muitas décadas é conhecida para a maioria dos analistas

sérios, como igualmente é conhecida a política suicida norte-americana de abandonar o desenvolvimento econômico em troca de uma tavalagem financeira desvairada desde os anos 60, e principalmente a partir dos anos 80 com a “desregulamentação” total da economia, e, pior, do setor financeiro.

Enganam-se, igualmente, os que pensam que esta crise decorre da enxurrada de papéis podres vinculados aos financiamentos (*sic*) imobiliários ‘suspeitos’ nos EUA e na Inglaterra, que a imprensa vem divulgando como a “*crise do sub-prime*”. A ‘crise do subprime’ é apenas uma das pontas de um imenso iceberg do mercado mais mafioso, doentio e inútil que o sistema bancário/bucaneiro/ocioso conseguiu articular até hoje: o mercado de derivativos financeiros (basicamente “futuros” e “opções”), que alcançou, no início de 2008, a cifra “cômica” de 680,29 trilhões de dólares (isto é, 680 trilhões de “*ativos tóxicos*”) (dados do BIS *Bank for International Settlements*).

Assim, o problema do ‘*sub-prime*’, que é verdadeiro, e se parece muito mais como aqueles velhos golpes populares e vagabundos chamados de “pirâmide”, é apenas mais um capítulo nas ondulações das *crises* e da bolha financeira dos últimos 25 anos mais ou menos.

Poderia explicar um pouco melhor a extensão e os desdobramentos dessas fraudes financeiras?

Vou lhe dar um exemplo com dados e informações desta atual (*sic*) crise financeira de setembro/outubro de 2008, que alguns comentaristas (Larry Elliot do London Guardian, Steve Watson, etc.), já estão chamando de “*The Gigantic Fraud*”: uma enorme conspiração das elites financeiras globais para impor, definitivamente (?) a Nova Ordem Global sob seus pés.

Os órgãos financeiros internacionais, dominados, todos, pela Alta Finança Global, como o FMI, o BIRD, etc., assim como os bancos centrais de vários países, como o FED, o Banco da Inglaterra, etc., isto é, todas estas ‘*casas de tolerância*’, têm repetido, como uma mantra, que o importante neste momento é “**todos** (*sic*) **tomarmos uma decisão unânime e em conjunto**”, e, de preferência, “**instituírmos regras globais de controle financeiro**”. E praticamente foi isto que ocorreu, informalmente, na segunda semana de outubro passado, pela primeira vez na História, quando os principais bancos centrais e demais agências financeiras de porte tomaram decisões ‘idênticas’ e sintonizadas.

Está praticamente claro que um dos objetivos das elites globais financeiras neste momento é “avançar” seu projeto histórico na direção de um controle Global sobre todas as nações e sobre as riquezas (reais) das populações; uma direção clara de eliminar qualquer vestígio de virtualidade de políticas nacionais autônomas.

Parece inacreditável, mas, no dia 7 de outubro (2008), o diretor do departamento monetário do FMI, o cáften Jamie Caruana, teve o descaramento de publicar, em documento do órgão, o seguinte trecho: ... “*governos de diferentes nações devem ajudar instituições financeiras a se capitalizar, comprando dívidas podres ou injetando recursos públicos nessas instituições.*” (Fonte: BBC – 7 de outubro de 2008).

O “*término*” das Nações e da soberania das nações (ou o que sobrou delas! neste início de século) é um dos itens obrigatório nesta agenda dos globalistas. E o instrumento que eu percebo no horizonte, provavelmente não agora, é, obviamente, a criação de uma instituição internacional semelhante a um **Banco Central Global**; exatamente como ‘eles’ implementaram há 95 anos atrás nos EUA, e há poucos anos na Europa. Se ‘eles’ irão conseguir neste momento, ou nos próximos anos, somente a história dirá ...

O momento parece, entretanto, bastante propício para esta nova etapa, pois o teste de resistência e de verificação de lucidez da população em geral, e dos governantes em geral, empreendido em 11 de setembro de 2001, aponta para um grande sucesso no controle quase que global das mentes e dos canais de ação, por parte destas elites. Parece inacreditável, mas existem pessoas que acreditam que algum Boeing caiu no Pentágono, ou que os vários prédios (implodidos) em Nova Iorque, em 11/09/01, decorreram de “*choques de aeronaves*”!!

Há igualmente um dado da maior relevância nesta *crise*, que ainda não foi (outubro de 2008) perfeitamente dimensionado, que foi a fraude da quebra (concordata) do Lehman Brothers, em 15 de setembro último.

Não sabemos ainda as razões totais pelas quais os famosos e insuspeitos analistas financeiros da Bloomberg (com assinatura de Linda Sandler, de 14 de outubro, 17:47 horas de Nova Iorque, e 22:47 de Londres) resolveram publicar a informação, bastante importante, de que o presidente da Lehman Bros, Richard Fuld, “*The Gorilla*” (“*O Gorila*” - como é conhecido nas sarjetas do sub-mundo das finanças) enviou, há poucos meses atrás, 400 bilhões de dólares em ‘*ativos*’ para o exterior (de um capital total de c. 600 bi. da Lehman Bros.), praticamente ‘*deixando*’ a Lehman Co. em situação de insolvência.

E mais. O *Times*, em 15 de outubro, comprovou que três dias antes de pedir concordata, isto é, em 12 de setembro, *O Gorila* distribuiu 100 milhões de dólares para seus comparsas amigos (diretores do Lehman), para ‘*pularem fora*’: Benoit Savoret; Andy Morton; Jeremy Issacs; Eric Felder; e Jerry Donini.

Só para você ter uma pequena idéia de quem são estes ‘*fracassados empresários*’ (*sic*), e que ainda irão meter a mão nos bolsos de todos os contribuintes norte americanos durante muito tempo, em 1997, Benoit Savoret comprou e foi morar na casa de

... Tony Blair, o ex-primeiro ministro britânico; e agora Savoret mora em uma casa que pagou 6 milhões e 600 mil libras.

É possível que ‘O Gorila’ tenha tentado um golpe na pirâmide do *subprime*, ou em ‘*short selling*’ contra as ações dos Morgans (pois existem evidências nesta direção), sem ‘comunicar’ aos demais parceiros. (Eu disse ... ‘é possível’).

Curiosamente, teriam vindo *ordens* para que o Lehman não fosse “resgatado”; e que de fato aconteceu. Com a ‘quebra’ do Lehman Bros, somente 2 outras instituições de peso passarão, por enquanto, a dividir o butim prospectivo nos mercados de investimentos financeiros explícitos: Morgan Stanley e Goldman Sachs; elevados, agora, à categoria de bancos de depósitos igualmente (certamente para poderem receber parte importante dos aportes em dólares da “ajuda” de 850 bilhões de dólares). É curioso igualmente que a Goldman Sachs (leia-se Henry Paulson), até o momento, encontra-se bastante *blindada* nesta crise, e sem qualquer perspectiva de “*problemas de liquidez*” (*sic*), ou de qualquer outra ordem.

Para organizarmos um pouco a nossa conversa lembro que ainda há quem acredite que o Federal Reserve é subordinado ao presidente dos Estados Unidos e, conseqüentemente, ao povo que o elege. No entanto, sabemos que desde a sua criação, em 1913, esta instituição tem características mais próximas de uma entidade privada, controlada por famílias ligadas ao mundo das finanças. Fale-nos um pouco sobre esse tema controverso, se possível identificando que famílias são essas e como elas atuam.

A história da articulação e implantação do Banco Central americano (o chamado ‘*Sistema da Reserva Federal*’, composto, na realidade, de 12 Bancos ‘*centrais*’ regionais nos EUA e mais conhecido como FED), é uma das histórias mais relevantes para entendermos o domínio da economia e da sociedade norte-americana pelos banqueiros privados de *Londres*; especialmente pelo grupo N.M. Rothschild & Sons de *Londres*, e seus braços em território americano e europeu.

Desde a época da Independência (e até mesmo antes), os pais fundadores da América tinham plena consciência do papel desintegrador, parasitário e anti-social dos banqueiros privados e demais especuladores e manipuladores monetários sobre a economia e a sociedade; e lutaram fortemente para impedir o domínio da sociedade por estes predadores. Por exemplo, em 1802, Thomas Jefferson, em carta para Albert Gallatin (publicada em 1809), escreveu:

“I believe that banking institutions are more dangerous to our liberties than standing armies. If the American people ever allow private banks to control

the issue of their currency, first by inflation, then by deflation, the banks and corporations that will grow up around the banks will deprive the people of all property until their children wake up homeless on the continent their fathers conquered. The issuing power should be taken from the banks and restored to the people, to whom it properly belongs.”

Durante todo o século XIX, os Rothschilds e seus sócios, que já comandavam o Banco da Inglaterra desde a derrota de Napoleão, e portanto dominavam as finanças britânicas e *globais*, tentaram, várias vezes, apossar-se das riquezas da economia norte americana através de algumas tentativas de implantação de uma instituição bancária abrangente e perene semelhante a um Banco Central. Fizeram uso de todos os expedientes imagináveis, até mesmo contratando um assassino (Richard Lawrence) para matar o presidente Andrew Jackson, que recusava-se a renovar a licença de um destes ‘bancos’ centralizados’.

Não foi por coincidência que a primeira tentativa de atentado a um presidente na América tenha sido desferida contra Andrew Jackson, em 1835, por Richard Lawrence, que confessou “*ter contatos com os poderes na Europa*”. Lawrence errou o alvo, e o furioso Jackson retirou os fundos do governo do “*ninho das víboras*”, como ele se expressou; e em represália, o presidente do segundo ‘banco’ (*central*), Nicholas Biddle, retaliou fortemente reduzindo o crédito em escala nacional, causando pânico econômico por todo o país. Segundo Eustace Mullins, Biddle foi um dos agentes de Jacob Rothschild (da sucursal Paris) em território americano.

O que o cúmplice e agente dos Rothschilds na América (N.Biddle) fez, em c.1835, ao provocar intencionalmente uma crise e pânico financeiro para atacar Jackson, o FED fez exatamente a mesma coisa, em 1929 – 1933, para aprofundar a crise e o pânico financeiros e econômicos na mais famosa crise ‘econômica’ conhecida até hoje: a ‘crise de 1929’. (ver adiante).

Como afirmei acima, existiram outras tentativas de implementar e consolidar um Banco Central nos EUA no século XIX; mas nenhuma foi tão bem sucedida até a criação do ‘*Sistema do Banco Central*’, em 1913.

O esforço para criar o Banco Central na América como o conhecemos hoje, começou, na verdade, em fins de 1910, quando ocorreu a famosa reunião secreta na ilha particular de J.P.Morgan (Ilha de Jekyll), em 22 de novembro de 1910. Frank A. Vanderlip, um dos 7 participantes, isto é, um dos 7 conspiradores, alguns anos depois, assim se referiu sobre esta reunião: “*Não sinto ser um exagero falar de nossa expedição secreta à Ilha de Jekyll como o verdadeiro momento de criação daquele que ficou conhecido como a Sistema do Banco Central.*”

Esta reunião secreta, de 22 de novembro de 1910, na Ilha particular de J.P.Morgan, na Geórgia, foi composta por apenas 7 pessoas (6 banqueiros, e um *'político profissional'*). Era tão secreta à época, que os participantes modificaram seus nomes, e até mesmo os empregados da ilha foram substituídos.

Os sete participantes secretos eram: (i) **Frank Vanderlip**, que representava as firmas de investimentos de Kuhn, Loeb e Cia., e de William Rockefeller e Jacob Schiff; (ii) o secretário assistente do tesouro americano, **Abraham Piatt Andrew**; (iii) o sócio principal da J.P.Morgan, **Henry P. Davidson**; (iv) o presidente do primeiro Banco Nacional de Nova York (instituição dominada por Morgan), **Charles D. Norton**; (v) o braço direito de Morgan, **Benjamin Strong**; (vi) o sócio da Kuhn Loeb e Cia, **Paul Moritz Warburg**; (vii) e o senador de Rhode Island, 'Whip' **Nelson Aldrich**, presidente da Comissão Monetária Nacional, o único membro do grupo que não era banqueiro. Mas, mesmo assim, Aldrich era um associado do banqueiro J.P. Morgan e sogro de John Rockefeller Jr.; Paul Warburg, um representante dos Rothschilds europeus, era irmão de Max Warburg, presidente do consórcio bancário M.M. Warburg Cia.

O grupo permaneceu isolado na Ilha durante uma semana e preparou o plano para a reforma bancária que o governo considerava necessária devido a uma série de pânico financeiros. Hoje muitos pesquisadores afirmam que esses pânico foram criados artificialmente, com o objetivo de forçar a aceitação pública dessas mesmas "reformas" (quanta atualidade nesta crise de 2008!). Griffin afirma que nesta ilha, nesta semana, aqueles 7 homens representavam ¼ da riqueza mundial.

Morgan retornou aos EUA depois de uma viagem à Europa no início de 1907 e espalhou rumores de que o Banco Knickerbocker de Nova York era insolvente. Depositantes apavorados começaram uma corrida ao Banco, o que levou ao mesmo fenômeno em outros Bancos e ao conhecido "Pânico de 1907".

Estudos sobre os pânico de 1873, 1883 e 1907 indicam que eles foram o resultado de operações de banqueiros internacionais em Londres. (Epperson e Mullins, e.g.)

Como afirmei acima, esta tática destes mafiosos de criarem pânico financeiro para obterem o que desejam, 'sempre' ocorreu, e infelizmente continuará ocorrendo. Até mesmo na tão conhecida "Crise de 1929" os banqueiros, em torno do FED, fizeram a mesma coisa. E é curioso que a pessoa que acabou divulgando esta conspiração do FED em 1929 (para 'reforçar' a crise) foi nada mais nada menos do que o famoso economista conservador Milton Friedman, laureado com um prêmio Nobel em Economia. E mais espantoso ainda, pasmemos, tal assertiva (de Friedman) foi reconhecida como correta, recentemente, pelo atual 'presidente' do FED, Ben Bernanke, em uma reunião pública em homenagem a Milton Friedman, em 2002.

Em 1996, Milton Friedman afirmou:

"The Federal Reserve definitely caused the great depression by contracting the amount of currency in circulation by one-third from 1929 to 1933."  
MILTON FRIEDMAN (conservative Nobel Laureate economist speaking on NPR. Quote 1996)

E em 2002, Ben Bernanke afirmou concordando com Friedman:

"I would like to say to Milton and Anna: Regarding the Great Depression. You're right, we did it. We're very sorry. But thanks to you, we won't do it again."  
Federal Reserve Governor Ben Bernanke (Conference to Honor Milton Friedman, University of Chicago 2002)

Retornando aos movimentos e episódios que antecederam a criação definitiva do FED, e especificamente à crise de 1907, o ex-presidente da Universidade de Princeton, Woodrow Wilson, e que viria a ser posteriormente presidente dos EUA, afirmou: "*Todo esse problema poderia ser evitado se nomeássemos um comitê de seis ou sete homens com espírito público, como J.P.Morgan (sic), para cuidar dos negócios de nosso país.*" (Uma pessoa com uma opinião destas é claramente um fortíssimo candidato dos banqueiros à presidência !!).

Assim, após inúmeras tentativas, desde a própria independência, os mafiosos banqueiros, especuladores e manipuladores globais do dinheiro, que criavam crises e pânico financeiros, foram paulatinamente conseguindo a aceitação pública de seus objetivos maiores e mais estratégicos (repito, exatamente como estão fazendo "agora" nesta 'crise' de 2008). À época, o intuito era criar o Banco Central americano sob sua tutela. Agora, neste início de século, seus objetivos incluem claramente a criação de um organismo internacional financeiro (igualmente sob a sua tutela), uma espécie de *Banco Central Global*.

Em 1908, o Congresso americano aprovou o Ato Aldrich-Vreeland e a criação de uma Comissão Monetária Nacional, que foram, basicamente, os caminhos institucionais para a implementação definitiva do FED, em 1913. Coincidentemente (!!!) o Relatório Final da Comissão Monetária Nacional foi preparado pelos mesmos 7 homens proeminentes que se reuniram secretamente no Clube de caça da Ilha de Jekyll, de J.P.Morgan, em 1910.

Estes 7 homens optaram pela existência de não apenas um banco central nos EUA, mas de vários, e chegaram a um acordo de que nenhum desses bancos conteria as palavras "banco" ou "central" no nome. E o que é mais importante, os 7 decidiram

que essa criação seria levada a termo de modo que parecesse uma agência oficial do governo americano. Foi P. Warburg quem concebeu a idéia de criar essa ‘união’ cooperativa (de banqueiros) de um modo atraente para os banqueiros e o público.

Esta proposta da Comissão ficou conhecida como *Plano Aldrich*, e foi muito atacada. Muitos perceberam claramente que tratava-se de um golpe dos banqueiros na opinião pública. O congressista Charles A. Lindberg à época afirmou: “*O Plano Aldrich é o plano de Wall Street.*” Carter Glass, outro congressista, afirmou que o Plano Aldrich criava o monopólio bancário, e o próprio presidente William Howard Taft já havia se pronunciado publicamente contra a criação de um Banco Central.

Restava então aos conspiradores, mafiosos e especuladores ... tirar o presidente (Taft) e colocar outro de sua confiança, isto é, pago por eles. E foi assim que o presidente da universidade de Princeton, absolutamente insignificante em termos acadêmicos – Woodrow Wilson – transforma-se em ‘líder político nacional’ e ‘candidato à presidência’ dos EUA. Ferdinand Lundberg, um pesquisador competente e sério sobre esses assuntos afirmou que W. Wilson “*movia-se, há mais de duas décadas, nas sombras de Wall Street.*” Foi eleito governador de New Jersey e posteriormente escolhido pelos banqueiros para ser presidente dos EUA.

A indicação de Woodrow Wilson foi forjada por Edward Mandell Hall, um associado de Warburg e de Morgan; e apoiaram igualmente esta proposta, os Schiff, os Kahn, e os Rockfellers. Vale lembrar que durante todo o mandato de presidente de Wilson a figura de maior poder e desenvoltura, era Bernard Baruch.

O genro de W. Wilson, William McAdoo foi nomeado Secretário do Tesouro, e, em 23 de dezembro de 1913 (!!!), quando alguns membros do congresso já haviam ido para casa devido aos feriados, e a atenção do público em geral estava voltada para o Natal, Wilson aprovou o “Ato do Banco Central”.

Como falei anteriormente, o ‘sistema’ do banco central americano é composto de 12 Reservas Federais (12 bancos), cada um servindo a uma parte do país, mas controlados por um deles, que é o Banco Central de Nova York. A nomeação dos administradores destes bancos, e a confirmação dos mesmos pelo Senado americano são meras formalidades, pois o FED é, de fato, um *banco privado*, uma espécie de *Corporation sui generis*, cujos principais sócios-proprietários estão listados adiante.

“O uso de um banco central para criar períodos alternados de inflação e deflação, e assim explorar o público para conseguir lucros enormes, foi transformado em uma ciência exata pelos banqueiros internacionais”, observou Allen. (J. Marris, 2000)

O Banco Central americano foi rapidamente preenchido com as mesmas pessoas que elaboraram a sua criação. O banqueiro Morgan Benjamin Strong se tornou o primeiro administrador do Banco de Nova York, enquanto que o primeiro administrador do grupo de diretores não foi outro senão Paul Warburg, o homem que recebeu a maioria dos créditos pelo planejamento dos detalhes do sistema e que, mais tarde, tornou-se o presidente do Sistema do Banco Central (FED).

Apesar de a palavra “Federal” constar do nome (em inglês “*Federal Reserve*”), como dito acima, o Banco Central não faz parte do governo dos EUA. É uma organização privada, pertencente aos bancos membros que, por sua vez, pertencem a acionistas privados.

Com a criação do Banco Central, os principais banqueiros internacionais finalmente atingiram dois objetivos há muito almejados na América: (i) a responsabilidade dos contribuintes pelas perdas sofridas pelos especuladores e pelos *bancos* privados em suas jogatinas e especulações “equivocadas”; e (ii) muito pior!, o público não só ficará responsável, doravante, pelas perdas seqüenciais dos especuladores! Mas eles conseguiram fazer com que recaia sobre os ombros da população e dos contribuintes o pagamento dos juros dos “empréstimos” (da dívida) que o FED concede (!) ao próprio Governo !!. O contribuinte, assim, é roubado de duas formas: não só pela “*socialização*” de eventuais perdas de algum banqueiro “perdedor”; mas, igualmente, pela escravização perene dos contribuintes aos pagamentos de juros sobre um “dinheiro” que, formalmente, e de fato, é da própria *Nação*, do próprio *público* (ou do governo que o representa). O contribuinte fica responsável pelo pagamento de juros de uma *dívida* totalmente fraudulenta e “inexistente”, pois só pode ser chamada de “dívida” por força de uma malandragem dos arquitetos desta engenharia diabólica e corrupta. O *dinheiro* que o governo poderia simplesmente emitir sem qualquer pagamento de juros, passa a ser “lançado” como “empréstimo”, e portanto obrigado a pagamento de juros; sendo que a taxa de juros é o próprio banco emprestador (o FED) quem determina, pois é o FED, i.e., os mafiosos banqueiros proprietários do FED, que estabelecem as taxas básicas dos juros.

Em outras palavras, é como se uma parte do seu dinheiro (de quem está lendo esta entrevista neste momento) fosse não o “seu dinheiro”, mas um “empréstimo” que você fez para você mesmo, com uma entidade *fictícia*, que lhe cobra juros sobre esta “parte” que é igualmente seu próprio dinheiro. E você, como “governo” vai, então, aos ‘contribuintes’ e cobra impostos para pagar os juros.

Em termos técnicos, o FED nada mais é do que um *broker*, um intermediário financeiro privado, que tomou a responsabilidade da política monetária e da emis-

são de dólares do governo. Dito de outra forma, o FED, através de uma engenharia absolutamente bizarra e diabólica, ficou “no lugar” da autoridade norte-americana de emitir moeda local (dólar), e “emprestar”, sistematicamente, bilhões e bilhões de dólares ‘para o governo’ lhe pagar juros, isto é, para que os contribuintes sejam sugados, permanentemente, por estes rentistas ociosos.

Não é por outra razão que o IMPOSTO DE RENDA nos EUA, assim como toda a estrutura de como coletá-lo, em escala *nacional*, FOI IMPLANTADO EXATAMENTE EM 1913, EM CONJUNTO COM A CRIAÇÃO DESTE FRANKESTEIN CHAMADO FED.

A Sexta Emenda da Constituição dos EUA implantou, isto é, DECRETOU (pois não foi ratificada!!) que todos os americanos estariam, doravante, obrigados a pagar Impostos sobre as Rendas (quaisquer que fossem, mesmo sendo sobre ‘salários’, que, economicamente, não é Renda, pois ‘salário’ não é uma “*unearned income*”). (Nós brasileiros, e todos os demais escravizados do ‘planeta’ caímos neste engodo e estelionato explícito dos banqueiros globais, pois todos já estamos ‘acostumados’, infelizmente, a nem discutir mais o fato econômico incontestável de que ‘salário’ NÃO É RENDA).

As controvérsias sobre a tributação de “Renda” nos EUA, que fez parte do “pacote” dos banqueiros para escravizarem os norte americanos até hoje (2008), ocorrem em inúmeros tribunais.

Henry Ford – eleito o maior empresário americano do século XX – afirmou que:

“É muito bom que o povo da nação não entenda nosso sistema bancário e financeiro, pois, se entendesse, acredito que haveria uma revolução antes de amanhã de manhã.”

“A maioria dos americanos não tem um verdadeiro entendimento das operações dos emprestadores de dinheiro internacionais”, afirmou o senador Barry Goldwater. “Os banqueiros querem que seja assim. Percebemos de modo confuso que os Rothschilds e o Warburg da Europa e as casas de J.P.Morgan, Kuhn, Loeb e Cia, Schiff e Rockefeller possuem e controlam uma grande riqueza. Como eles adquirem e empregam esse vasto poder financeiro é um mistério para a maioria de nós”.

“Os banqueiros internacionais ganham dinheiro estendendo crédito aos governos. Quanto maior for o débito do Estado político, maiores são os juros que retornam aos emprestadores”.

Os bancos privados, proprietários-sócios em última instância do FED são: Rothschild Bank of London; (N.M. Rothschild & Son), *i.e.*, o *capo di tutti i capi*; Lazard

Brothers; Israel Moses Saif Banks; Warburg Bank; Lehman Brothers (agora certamente em distribuição); Kuhn, Loeb Bank; Chase Manhattan Bank; Goldman Sachs Bank. Vale registrar que os dois grandes representantes dos Rothschilds na América foram e são: J.P.Morgan; e Kuhn, Loeb, e Cia.

Uma listagem mais pormenorizada e completa sobre o domínio do FED por bancos privados e capitais privados, incluiria, adicionalmente, os seguintes nomes e/ou bancos: Brown Shapley; Morgan Grenfeel; Alex Brown; Lord Montagu; Frères (de fato, os Rothschilds igualmente); Morgan Stanley; J.H. Schroeder Drexel; Lord Airlie; Otto Kahn (da Kuhn Loeb); Solomon Loeb; Abraham Kuhn; Jacob Schiff; James Stillman; George F. Baker; Paul Warburg.

No dia 4 de Junho de 1963, o presidente John F. Kennedy assinou uma “Ordem Executiva”, de número 11.110. Esta Ordem do Executivo retirava, pela primeira vez desde 1913, o poder do FED de emitir moeda (norte americana), diminuindo, assim, consideravelmente, os poderes dos Rothschilds e de seus ‘sócios’. Menos de 6 meses depois, *i.e.*, a 22 de novembro de 1963, John F. Kennedy era assassinado (em público). Kennedy morreu pelos mesmos motivos e pelos *mesmos grupos* que assassinaram igualmente Abraham Lincoln, em 1865. Ambos desejavam controlar, internamente, e em benefício do povo norte americano, a emissão de moeda. No mesmo dia em que Kennedy foi assassinado, o vice-presidente Lyndon Johnson, ainda dentro do próprio “Air Force 1”, no trajeto entre Dallas e Washington, rescindiu, informalmente, a Ordem Diretiva 11.110, devolvendo, mais uma vez, a América aos banqueiros internacionais, e especificamente aos Rothschilds.

A “quebra” (*sic*) do Lehman Bros neste 15 de setembro último, levanta, como eu assinalei anteriormente, questões da mais alta relevância para compreendermos as movimentações e reestruturações ‘sistêmicas’ da máfia financeira global neste momento.

E há um fato *financeiro* da mais alta relevância, ocorrido há 12 anos atrás, em 1996, que foi o assassinato (oficialmente suicídio) de Amschel Rothschild, aos 41 anos de idade, em um hotel (Bristol) em Paris. Não é *toda hora* que o chefe global das finanças da casa bancária que praticamente comandou os destinos do Ocidente nos últimos 200 anos aparece morto em um hotel em Paris (!!!) Tal falecimento possui relevância ainda maior quando “sabemos” que Evelyn Rothschild teria feito, pouco tempo antes, uma operação bilionária e estratégica com os mafiosos chineses atualmente no governo.

Mas uma coisa está absolutamente clara neste momento nesta ‘crise’: como falei anteriormente, encontra-se em andamento a fase de ‘implantação’ de um organismo financeiro global (*stricto sensu*), sob o domínio destas mesmas casas bancárias e

financeiras. E como sempre tenho repetido em minhas avaliações, sempre sob a batuta de Londres (há mais de 4 séculos). Não é por outro motivo que o primeiro ministro inglês – Gordon Brown - está conduzindo e liderando as *soluções da crise*.

É possível, entretanto, que muita água ainda vá rolar, e muitos outros “ativos tóxicos” ainda rolem, e muitos outros impostos ainda sejam pagos por estes “ativos tóxicos” para estes manipuladores, antes da implantação definitiva do *Banco Central Global*, ou qualquer outra instituição bancária global de ‘controle’ das riquezas e dos destinos (econômico-materiais) da população. Até porque alguns capítulos nesta trajetória ainda não estão totalmente terminados, como por exemplo: o que fazer com c. 1 bilhão e 700 milhões de pessoas (os seguidores do Islã e do guerreiro Maomé) que acreditam que o “empréstimo a juros” é absolutamente um pecado e uma heresia? Sim, porque sem a autorização da cobrança de juros, toda a engenharia e todo o parasitismo bancário e financeiro entra em ruína.

O senhor vem fazendo esclarecimentos importantes sobre temas que não costumam ser tratados por jornalistas econômicos nem são estudados nas faculdades de Economia. Por que isso acontece?

Existe um conjunto de circunstâncias para este ‘déficit’ brutal de acoplamento da realidade econômica e social e as idéias e concepções que são expressas por analistas econômicos e economistas ‘profissionais’.

Eu não acredito que haja uma única (boa) resposta. Vou tentar apresentar quatro razões que, para mim, são incontestáveis para este ‘déficit’ de sabedoria, e que, somadas, creio que oferece uma explicação razoável para esta pergunta; além do que já expus na primeira resposta.

(i) **Uma Explicação Institucional** – Uma primeira explicação, diz respeito ao fato incontestável – como nos ensinou há mais de um século atrás o maior teórico social e economista político de nossa época, Thorstein Veblen - de que as *idéias* são *instituições*, isto é são *hábitos de pensamento* difundidos e não perceptíveis. Hoje, em psicologia cognitiva ou sociobiologia, as idéias, as *instituições*, são designadas por ‘*memes*’). Assim, muitas das razões para estas análises absolutamente inúteis provém destas ‘heranças institucionais’, uma espécie de ‘herança memética’; que modificam-se muito lentamente. As pessoas que se dizem entendidas em economia repetem basicamente o que ouviram ou leram (e não só em economia é óbvio!), sem cotejar as idéias aprendidas com o próprio mundo em que vive. Conforme ensinou Veblen, somente quando o *lag*, a distância entre as instituições se torna imensa vis-à-vis a realidade incontestável, é que ocorre então uma ‘mudança institucional’ (e normalmente tais mudanças ocorrem com grandes custos sociais: guerras, revoluções, etc.)

O que falei acima rapidamente, é que muitas vezes as informações mais importantes para entendermos economia não são divulgadas ou aprendidas em escolas formais de economia por razões **institucionais**, ou seja, sem grandes compreensões de quem ‘repete’ o que aprendeu e acredita que aquilo é verdade. Aqui, neste caso, tais ‘pessoas’ são meio que ingênuas e/ou desprovidas de grandes malandragens. A.Gramsci, utilizando os conceitos acima – e inclusive reconhecendo em Veblen a prioridade do conceito – designou estas *instituições*, grosso modo, como “*aparelhos ideológicos do estado*”, e que cristalizam conjuntos hegemônicos de idéias convenientes às classes dominantes.

(ii) **Uma Explicação Política** - Não podemos esquecer que uma das armas mais poderosas das elites ociosas rentistas e exploradoras é a sua compreensão da importância da engenharia social para os seus propósitos; e que há muitos séculos é utilizada com muita competência por seus especialistas.

Ainda neste ponto, também não podemos esquecer a importância do controle que eles exercem sobre os principais postos e instituições formais nas áreas intelectuais (Universidades, etc.), nos meios de comunicação (Jornais, programas de TV, etc.), e nos meios de divulgação das idéias (Editoras, Revistas Científicas e ‘Reputadas’, etc.). ‘*Todos*’ os principais postos intelectuais – nas Universidades do mundo -, por exemplo – encontram-se ‘sob controle’ destas elites. Algumas Universidades já há muito tempo foram identificadas como as “geradoras e disseminadoras das idéias básicas”, ou seja, as que deverão ser repetidas. Por exemplo, Oxford e Cambridge, na Inglaterra; Harvard, Princeton, MIT nos EUA, etc. (Estas instituições que citei fazem parte, inclusive, da estrutura formal da Inteligência (dos serviços secretos) destes *países*. Nenhum candidato a ‘doutorado’ nestas instituições obtém seu diploma sem o aval político do ‘orientador’ ‘*político*’ (muitas vezes secreto) que analisa toda a vida do candidato desde o primeiro minuto em que ele põe o pé nestas instituições (e de fato já desde a candidatura). Muitas vezes os ‘alunos’ nem sabem que estão sendo monitorados.

Ocorreu comigo, há alguns anos atrás, um episódio muito interessante sobre o que eu estou comentando acima, e que só fui descobrir quando trabalhei no órgão de Inteligência do governo brasileiro. Em 1979 eu desejava obter meu doutorado na Alemanha, e acabei, por absoluto acaso, obtendo a aceitação – como orientador – do Prof. Carl C. von Weizsäcker, à época, na Universidade de Bonn. Antes de obter a bolsa de estudos (do governo alemão), eu fui sabatinado durante uma tarde no consulado alemão, e eles estavam super curiosos para descobrir ‘quais eram as minhas reais ligações com o Prof. Weizsäcker’. Eu nem sabia disto à época, mas o professor C.C. von

Weizsäcker pertence a uma família importantíssima na Alemanha. Os *Weizsäcker* são e foram extremamente importantes para a História moderna da Alemanha, e eu, à época, não tinha nenhuma idéia desta importância. Meus entrevistadores queriam saber como é que um “simples” professor da UFRJ (eu) pôde ser aceito para trabalhar com um membro de uma família tão importante na Alemanha. Só para você ter uma idéia: Richard von Weizsäcker foi presidente da Alemanha (de 1984 a 1994). Em 1979 ele era vice-presidente do *Bundestag*, o Congresso Alemão; e logo depois foi eleito ‘Prefeito’ de Berlin Ocidental, antes de virar Presidente da Alemanha (em 1984). Carl Friedrich von Weizsäcker, o físico mundialmente conhecido, que trabalhou com Heisenberg, foi, juntamente com Werner Heisenberg, Otto Hahn, Max von Laue, Karl Wirtz, e Walter Gerlach, seqüestrado pelos ingleses no final da segunda guerra mundial, e levado (todos) para a Inglaterra, pois estes compunham à época a nata do conhecimento da Física ‘quântica’. E Ernst von Weizsäcker, o político e militar embaixador alemão no Vaticano durante a segunda guerra, condecorado por H. Himmler, em 1938.

Como eu não expliquei para eles como ‘os conhecia’ (até porque eu não sabia de absolutamente nada!), acho que estas credenciais e o meu silêncio acabaram ajudando-me na concessão da bolsa de estudos. Mas o mais interessante surgiu depois que eu resolvi retornar ao Brasil, no mesmo ano, bem antes do término do programa do doutorado. Como eu voltei sem a permissão do governo alemão, eles lançaram em minha ‘ficha’ (e inclusive enviaram-na ao Brasil), afirmando que a minha presença em solo alemão devia-se unicamente por ser eu membro do partido comunista (o que era mentira, pois eu nunca fui), e que estive na Alemanha somente para espionar a favor da Alemanha oriental. É cômico, mas totalmente verdadeiro, pois anos depois eu tive acesso a esta ‘ficha’, que um diplomata brasileiro em Bonn me informou. ‘Eles’ devem ter ficado completamente perdidos, pois dois meses depois de meu retorno ao Brasil estava eu trabalhando em um órgão do governo brasileiro (militar), órgão este diretamente vinculado ao poderoso SNI da época.

Bem, retornando. No passado, as instituições mais poderosas no controle das idéias (no campo da economia, etc.) eram as Cias das Índias Ocidentais e Orientais (britânicas). Tanto é assim que 90 % dos economistas clássicos ‘famosos’ recebiam dinheiro destas poderosas Corporações.

Há também um mecanismo acadêmico institucional muito eficaz de reafirmação e divulgação de falsas ‘verdades’, que são as concessões dos diversos ‘prêmios’ acadêmicos. Por exemplo, esta fraude de prêmio Nobel (nas áreas humanas, principalmente), etc., contruibui bastante para consolidar contra-informações nas mentes da maioria das pessoas. Em alguns momentos a concessão destes *Nobel* chega a ser

claramente uma ‘brincadeira de mal gosto’, como a escolha do Nobel da Paz, no ano passado (2007), para ... “Al” Gore (Albert Gore). Ou a escolha mais bizarra ainda, do Nobel da Paz para Gorbachev, em 1990, indivíduo este que aliou-se à máfia russa (através de Alexander Lebedev, por exemplo), para aprofundar mais ainda as ‘reformas neo-liberais’, arruinar de vez a economia russa, e permitir a entrada de grandes especuladores financeiros na região. Não foi por acaso que este Nobel da Paz (*sic*) (Gorbachev) não conseguiu nem meio por cento dos votos na eleição de 1996, antes de virar “garoto propaganda” da Pizza Hut (em 1997) e da Louis Vuitton. E mais bizarro ainda, Gorbachev registrou a sua “marca”, aquela mancha bizarra de nascença na sua ‘cabeça’, para poder cobrar *royalties* de uma empresa de vodka que estava utilizando o desenho gráfico desta “mancha”!!

Talvez você não saiba, mas os mafiosos do Nobel não concederam o prêmio Nobel da Paz para a pessoa INDUBITAVELMENTE mais merecedora do século XX: Mahatma Gandhi; por motivos que não posso falar em público.

Em economia, por exemplo, em 1997, o Nobel foi para dois “especuladores” fracassados - Robert C. Merton e Myron Scholes – cuja ‘grande obra’ foi falir uma empresa deles (a LTCM) de especulação de *hedge fund*, deixando um prejuízo de c. 4 bilhões de dólares para os contribuintes norte americanos.

Assim, existem pessoas que ‘sabem’ precisamente que o que estão escrevendo ou divulgando são tolices travestidas de teorias consistentes, por terem interesses pecuniários ou outros objetivos.

E isto é também uma realidade bastante perceptível em grande parte das instituições formais de Economia, de Sociologia, etc., em todo o mundo, pois estas pessoas ‘sabem’ (mais ou menos) as tolices que estão repetindo e ensinando, mas como os objetivos essenciais delas é ‘ganhar dinheiro’, não importa muito para elas se as questões discutidas são relevantes ou não. Se ‘ganhar dinheiro’ com o que faz funciona, então estas questões passam a ser ‘relevantes’. E como muitas vezes os ‘alunos’ ou os ouvintes também querem a mesma coisa (i.e., dinheiro!), então ... está tudo certo!! Ninguém se aborrece se os temas são infantis ou desprovidos de realidade, desde que os depósitos em conta corrente sejam feitos em dia.

Repito, isto ocorre em cerca de 90% dos estabelecimentos de ensino formal da disciplina; cerca de 10% dos professores e das instituições escapa destes ‘objetivos pecuniários conspícuos’, e tentam honestamente desenvolver estudos em economia de forma mais coerente com a realidade (passada e presente). Por exemplo, em minha instituição, existem, em minha opinião, alguns bons professores e honestos, que buscam divulgar o ensino da economia de forma coerente com a realidade.

(iii) Muitas pessoas sabem exatamente que estão divulgando contra-informações ou informações irrelevantes, inúteis, etc., mas têm medo das conseqüências de uma abordagem mais realista do mundo, principalmente se já encontraram um emprego relativamente confortável e sempre bem remunerado. E neste último caso, eu não tenho muito o que comentar. É muito comum você encontrar pessoas relativamente bem informadas e preparadas afirmarem que não vão se “meter em certas coisas” pois podem ser perigosas (*sic*).

(iv) **Uma Explicação Teórica** – Embora eu não tenha como desenvolver totalmente esta ‘explicação’ aqui nesta entrevista, pois precisaríamos de um curso completo para apreciarmos a totalidade das questões envolvidas, eu gostaria de apresentar, pelo menos, as linhas gerais de uma “Explicação Teórica” (em Economia), que contribui bastante para a alienação do estudo da economia e da sociologia em geral. Irei, como disse, apenas apresentar o “problema”.

Todas as teorias econômicas – com poucas exceções – continuam sustentando suas análises em duas irrealidades fundamentais; de fato em duas questões anacrônicas, e que, para alguns, como para Galbraith, por exemplo, como vimos na primeira resposta, tratam-se de fraudes teóricas. A primeira, e que não vou desenvolver muito aqui, diz respeito ao sustentáculo das ‘teorias do consumo’ (isto é, “*pelo lado da Demanda*”), que baseia-se em uma fraudulenta hipótese de ‘soberania do consumidor’; livre escolha; etc. etc.

O que eu gostaria de salientar não é propriamente esta fraude da “soberania do consumidor”, que já está bem explorada em textos heterodoxos de economia. O que eu gostaria de salientar é a hipótese AINDA em ampla aceitação, da “*firma-como-uma unidade-produtiva*”, que em inglês, encontra-se em inúmeros textos como “*firm-as-unit-of-production*”.

Ou seja, os “economistas”, majoritariamente, continuam abordando as Empresas como se elas fossem prioritariamente “Unidades de Produção”; de qualquer coisa ou bens. Por exemplo, macarrão, petróleo, móveis de salas, sapatos, cimento, prestação médica, assessorias de engenharia, computadores, etc.

Há mais de 150 anos que as *Corporations* compõem-se como unidades DUPLAS de capitalização, sendo que os objetivos materiais e concretos de suas atividades não têm nenhuma importância significativa para a análise econômica adulta de nossa atual época. O que se capitalizam, há mais de 150 anos, majoritariamente, não são cabedais passados de capitais patrimoniais (como máquinas, equipamentos, terrenos, etc.). A capitalização mais importante para os *Business Man* é a capitalização de um **“rendimento prospectivo calculado ao valor presente, e negociado, através de**

**‘securities’, como uma oportunidade”**. (Esta é uma definição minha). Em inglês, o que se capitaliza em cada corporação é a “*earning capacity*” do “*going concern*”, ou, igualmente, direitos a receber, e não propriamente o número e a quantidade de equipamentos e demais parafernâlias produtivas da *Corporation*. E esta é a razão principal das imensas dificuldades dos contadores em avaliar precisamente os “valores” das corporações. Como eu costumo dizer, uma *Corporation* não é uma padaria enorme, ou um restaurante imenso.

As *Corporations* não “nascem” e desenvolvem-se para “produzir” coisas, mas sim para, indiretamente, servirem de fontes de Renda para os “aplicadores”, especuladores, manipuladores e demais personagens do sub-mundo financeiro, isto é, para os *absentee owners* (os proprietários ausentes). Certa vez, o conhecido Alfred Chandler referiu-se ao que estou salientando aqui com a seguinte frase: “*As empresas deixaram de ser unidades produtivas e converteram-se em Fontes de Renda*”.

Infelizmente como eu disse acima não tenho tempo ou espaço para desenvolver todas as conseqüências importantíssimas desta questão. Mas não posso deixar de explicitar uma conseqüência desta posição anacrônica dos “Economistas e dos Analistas econômicos em geral”: os Administradores de Empresas (principalmente das áreas de finanças) e os Advogados (principalmente da área de Direito Comercial), acabam ‘entendendo’ mais de Economia do que os próprios economistas, pois as duas formações acima que citei, abordam – normalmente – as Empresas de forma bem pragmática, e conseguem facilmente perceber a quantidade de “retórica inútil” que os economistas e os livros ‘oficiais’ de economia continuam a divulgar sempre que falam de “empresas”, negócios, investimentos, etc.. E esta abordagem anacrônica da concepção do que seja uma “Empresa Moderna” (uma *Corporation* ou *Business Enterprise*), encontra-se em quase todos os “*streams*” do ensino de Economia: sejam os clássicos, neo-clássicos, marxistas, keynesianos, pós-keynesianos, schumpeterianos, etc. Ou seja, praticamente todas as vertentes em economia abordam a Empresa como uma unidade típica do século XVIII ou início do XIX.

Somente a “Escola Institucional Autêntica e Original de Economia” (Thorstein Veblen, John Commons, C. Ayres, W. Mitchell, *et. al.*) aborda e analisa a “empresa” de maneira realista e ‘moderna’. E lamentavelmente esta Escola de Economia (o Institucionalismo Original), que tanta influência exerceu nos anos 20 e 30 do século XX, encontra-se alienada e exilada de quase todas as faculdades de economia e sociologia da Mundo. Ou seja, curiosamente, a única Escola de Pensamento que aborda corretamente o funcionamento de uma moderna Empresa, não possui espaço institucional predominante (ou mesmo mínimo!) – como deveria – no ensino de Economia. É mais

ou menos como se referiu Thomas Pynchon, em 1973: “se conseguirem que você faça as perguntas erradas, eles não têm que preocupar-se com as respostas.”

E os economistas e os analistas de economia, em sua esmagadora maioria, têm feito, sistematicamente, as perguntas erradas; de propósito, por ignorância, ou por ingenuidade.

Para concluirmos nossa entrevista seria interessante o senhor apresentar então as idéias centrais que permeiam as análises da Escola Institucionalista, particularmente as que se referem à dicotomia entre a chamada “economia real” e o “sistema financeiro”.

Como eu disse na resposta anterior, os fundadores da Escola Institucionalista (original e autêntica) em Economia (Veblen, Commons, Ayres e Mitchell) são os nomes de referência. Thorstein Veblen, por exemplo, é considerado o maior expoente desta Escola, e possui vários livros e artigos abordando a dicotomia que você citou; e em especial, o seu segundo livro, publicado em 1904, *The Theory of Business Enterprise*, hoje um clássico, é o primeiro livro teórico, em Economia, explicando o funcionamento das modernas *corporations*.

Veblen não foi o primeiro a detectar as transformações fundamentais no “capitalismo financeiro corporativo” e este descolamento das finanças e da economia real. Outros intelectuais antes dele já haviam percebido e publicado tais revoluções. Por exemplo, Werner Sombart, em “*Der Moderne Kapitalismus*”, (primeira versão de 1902), já apresentava ao mundo todo o desenho estrutural renovado das modernas empresas.

Henry Dunning McLeod, um pensador econômico do século XIX bastante original, e normalmente esquecido, talvez por ter sido banqueiro, também já apontava as transformações essenciais do que viria a ser designado por “capitalismo financeiro”, ou “Economia de Crédito”, vis-à-vis a “Economia Monetária” do período anterior. Poderia citar ainda: Gustav Schmoller, Karl Knies, e outros.

Mas estes autores que citei acima, embora bem originais em suas análises descritivas, não foram capazes de oferecer uma teoria consistente sobre o funcionamento das modernas *corporations*. Veblen conseguiu; e até hoje a leitura de suas passagens sobre o funcionamento das modernas empresas são de uma atualidade impressionante.

Há uma passagem bem interessante na história do pensamento econômico: John Hobson, bem no início do século XX estava fazendo uma revisão de um livro seu bastante importante sobre o capitalismo moderno para uma nova edição (originalmente publicado em 1894: *The Evolution of Modern Capitalism*). E Veblen já era um teórico social e economista internacionalmente conhecido. Quando Hobson, na Inglaterra,

soube que Veblen estava redigindo um livro sobre “The Theory of Business Enterprise” – que publicou em 1904 – Hobson confidenciou a colegas que iria esperar a publicação de Veblen para só então terminar a revisão de seu livro. Pois estava certo Hobson que Veblen iria fazer análises extremamente úteis e originais. (E assim foi) (Registro também aqui o fato de que Hobson escreveu, em 1936, um livro específico sobre Thorstein Veblen).

O processo de capitalização do capitalismo corporativo financeiro é completamente distinto do processo de capitalização anterior. Esta transformação não foi uma transformação de *quantidade*, mas sim de todas as suas estruturas e manifestações.

As *Corporations* não são “padarias” enormes, ou “bares enormes”. Eu diria que 99% dos livros de economia, e todo o *mainstream economics* (a economia oficial), inclusive o *stream* marxista, tão anacrônico como os neo-clássicos, continuam a tratar este fenômeno como se a diferença essencial de uma empresa do século XVIII para uma empresa do final do século XIX ou XX fosse essencialmente o “tamanho” das modernas empresas e seus poderes de mercado.

Ainda, complementando, o que mais se vende e se compra no capitalismo financeiro, não são produtos ou serviços; os grandes ‘mercados’ são os de *capital* e de direitos (*securities* de todas as ordens); inclusive dívidas, débitos. Os *captains of finance*, ou os *business man*, através de suas corretoras, cias de investimentos, etc., são os agentes dominantes do capitalismo financeiro, e não propriamente os “antigos” *captains of industry*, ou os *undertakers*, os típicos empresários *marshallianos*, que já se aposentaram da História, como agentes prioritários de análise, há muito tempo.

Uma das mandragens teóricas de K. Marx, certamente para poder continuar morando no centro do capitalismo financeiro sem ser molestado (Londres) até o final de sua vida (em 1883), e que até hoje engana muita gente, principalmente os jovens, foi desviar a atenção dos incautos para a idéia de que a ‘exploração capitalista’ nasce no processo produtivo (através da *mais-valia apropriada* do trabalho, isto é, em última instância, trabalho não pago); e os “juros”, nitidamente uma “*unearned income*”, como ‘cobrados’ a partir da existência da mais-valia produzida e realizada na produção e circulação (isto é, o “juros” como uma categoria ‘retirada’, diminuída, da mais-valia, ao término, ou ‘no meio’ do ciclo capitalista). Ou seja, os banqueiros, cias. de investimentos, especuladores, financistas, etc., que já comandavam todo o sistema da época, ficam, na teoria de Marx, relegados a personagens ‘secundários’ vis-à-vis os Industriais. Como se os Rothschilds ou os Morgans, já não fossem, no século XIX, os poderes supremos e absolutos do sistema ‘econômico’ e social, e indispensáveis ao estudo sério dos que tivessem a intenção verdadeira de compreender o ‘capitalismo’.

Assim, uma maneira *malandra* (mas astuta) de desviar a atenção dos poderes das casas bancárias dominantes do capitalismo de nossa época foi 'inventar' ou deixar os juros como uma categoria a ser 'cobrada', derivada, do lucro capitalista (industrial ou mercantil) (da *mais-valia* como um todo). Talvez seja por esta razão, e outras, que grandes casas bancárias 'nunca' tiveram grandes problemas com o ensino da teoria marxista (propagandeada como 'radical'). Pois o 'capital', que Marx e os marxistas 'atacam' e denunciam, ou são pouco importantes (embora profusos), ou são importantes para as estratégias dos 'brokers' financeiros.

Certa vez Nietzsche afirmou que em filosofia quem desconhece Kant não é um pensador adulto. Eu poderia, por analogia, igualmente afirmar, sem nenhuma dose de arrogância, que, em Economia e Teoria Social, quem desconhece Veblen não é um pensador adulto. Não unicamente o seu primeiro e mais conhecido livro (*The Theory of the Leisure Class*, de 1899), mas principalmente seus artigos e livros revolucionários em Economia (*The Theory of Business Enterprise; On the Nature of Capital; Absentee Ownership. The Case of América; e The Engineers and the Price System*).

Para terminar eu gostaria de remeter o leitor desta entrevista a um artigo meu publicado no número 1 desta revista (OIKOS), intitulado "*Por que os Grandes Pensadores Econômicos (não Ortodoxos) não são Ensinados nas Faculdades de Economia?*"

Este artigo também pode ser acessado e lido no endereço abaixo:

[http://www.ie.ufrj.br/hpp/intranet/pdfs/grandes\\_pensadores.pdf](http://www.ie.ufrj.br/hpp/intranet/pdfs/grandes_pensadores.pdf)